

jornal da tarde

Publicado pela S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Costanzo Álvares, 53, tel.: 856-2122 (PABX).



JORNAL DA TARDE

19 NOV 1987

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

José Vieira de Carvalho Mesquita
Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

Para iniciar o contra-ataque

Após 55 dias ininterruptos de ataques impiedosos, dirigidos com exímia precisão sobre todos os pontos nevralgicos do organismo econômico e institucional brasileiro, a Comissão de Sistematização da Constituinte, dominada pelo "foco" guerrilheiro nela instalado pelo senador Mário Covas, candidato, como tantos outros, à Presidência da República, dá, por imposição regimental, uma trégua à Nação que sai desta luta extenuada e em profundo estado de choque.

O objetivo — que era o de consolidar tudo que já vinha sendo esboçado pelo outro "foco" guerrilheiro da mesma organização instalado no próprio coração do Poder Executivo, este sob o comando do grande rival do "comandante" Covas em suas ambições presidenciais, Ulysses Guimarães — foi integralmente cumprido. Melhor, até, do que fora encomendado: no front do Executivo, o "inimigo" foi inteiramente desbaratado sem, no entanto, ter sido fisicamente eliminado, podendo ser ainda utilizado, eventualmente, no interesse da organização; no front Legislativo/Constituinte os "inimigos" continuam desorientados pelos golpes sucessivos e com a sua capacidade de iniciativa reduzida por casuísmos regimentais a uma mera atitude defensiva (a menos que haja um contra-ataque muito bem coordenado); finalmente, no front nacional o "inimigo" está literalmente paralisado, quase em pânico, com o moral das tropas a zero e com perigo de debandada iminente.

Para se compreender toda a manobra é preciso que retrocedamos ao primeiro ataque da organização; à sua primeira medição de forças com o governo Sarney. E a própria organização deve ter-se surpreendido com a facilidade com que obteve o seu primeiro sucesso. Falamos no esforço para a desestabilização do ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, que imediatamente surtiu efeito. Desde o momento em que subiu ao posto o seu sucessor, Dilson Funaro, o Brasil está nas mãos de um grupo muito restrito e muito bem definido dentro da grande frente partidária que se chama PMDB; de um grupo que fala em nome do PMDB mas que não é o PMDB porque não espousa a moderação ideológica que caracteriza a grande maioria dos quadros do partido e que justificou a sua grande aprovação eleitoral. Desde o momento em que o sr. Funaro subiu ao Ministério da Fazenda a população brasileira vem sofrendo todas as consequências da aplicação da política econômica destrutiva deste grupo que, valendo-se da fraqueza pessoal de um presidente marcado pelas circunstâncias especiais de sua investidura no cargo máximo da Nação, tem podido apresentar como de "sua autoria" apenas os sucessos passageiros dessas políticas e atribuir a este presidente fraco, que eles utilizam como escudo e bode expiatório, todos os tremendos custos destes "sucessos" falsificados.

Foi assim, por exemplo, com o grande estelionato do Plano Cruzado: no primeiro momento, antes de conhecer a reação da opinião pública ao plano, este PMDB foi o primeiro a criticá-lo "de cima do muro", do qual só desceu quando se comprovou a sua aprovação pelo povo. Então este PMDB se arvorou em "dono" do Cruzado enquanto, nos bastidores, sabotava e mutilava a idéia original impedindo a execução da parte essencial do plano com vistas a manter artificialmente o seu "sucesso" até a data das eleições. Quando veio a "conta" desta mutilação com a explosão inflacionária por eles deliberadamente fabricada com sua sabotagem, lá foram eles de volta, não mais para cima do muro mas diretamente para o outro lado dele, deixando todo o "abacaxi" e todo o ônus da revelação da verdade nas mãos do presidente Sarney que, temendo por seu mandato, não denunciou a trama e deixou-se utilizar.

Diante da subsequente crise ministerial, novamente foi este PMDB que, agindo sempre por trás dos bastidores, manobrou, valendo-se sempre da fraqueza pessoal do presidente e da chantagem do mandato, para manter sob o seu estrito controle a "política econômica" (??) nacional, vetando os ministros escolhidos pelo presidente e impondo ministros "seus".

Entre esses grandes lances, outros agentes deste PMDB impostos ao presidente fraco para ocuparem ministérios estratégicos, sempre sob a chantagem do mandato, iam trabalhando para minar a economia brasileira com ameaças constantes, por atos e palavras, contra a iniciativa privada, contra o livre comércio e contra o restabelecimento de relações normais com nossos parceiros comerciais e financeiros internacionais, que já tinham sido violentamente interrompidas pelo seu primeiro agente-instrumento: o ministro Dilson Funaro, com a moratória dogmática declarada contra nossos credores. Todo este trabalho foi executado com maestria pelo "comandante" Ulysses, sempre com a ajuda inestimável do companheiro de route José Sarney (além de outros menos notáveis), e deixou a ponto de ruir o front do Executivo.

Começaram, então, os trabalhos para plantar o "foco" guerrilheiro sob o comando do "comandante" Covas na estratégica Comissão de Sistematização da Constituinte. O momento era perfeito: tinha sido dado o "golpe invisível" no Executivo que permitiu a primeira infiltração da organização nos postos de controle e a grande fraude eleitoral que levou ao poder, de forma quase hegemônica, a grande frente partidária peemedebista da qual a organização fazia parte. Chegava a hora de dar o golpe dentro desta frente partidária, essencial para a etapa seguinte. Entrou em ação o "comandante" Covas, sempre assistido e assessorado, nos momentos críticos, pelo "comandante" Ulysses. A Comissão de Sistematização estava obrigada a reproduzir apenas a distribuição numérica de cadeiras na Assembléia Nacional Constituinte entre os vários partidos. Assim, a frente PMDB já tinha garantida a maioria dos postos na Comissão de Sistematização. Mas nenhuma regra escrita obrigava a que esta maioria peemedebista na Comissão de Sistematização reproduzisse também o balanço ideológico predominante dentro da frente peemedebista. Foi a oportunidade para que, numa hábil manobra de cooptação, o "comandante" Covas indicasse apenas os representantes do seu grupo ideológico, minoritário dentro do PMDB, para compor a estratégica Comissão de Sistematização que, depois, se encarregou de fazer um regimento interno para a Constituinte conveniente para os seus desígnios.

Dado este golpe interno, o resto foi o que acabamos de assistir. O "foco" guerrilheiro instalado na Comissão de Sistematização desempenhou exemplarmente a sua guerra de desgaste econômico, dando um caráter que pretende ser institucional e permanente ao que nas mãos do "foco" instalado no Executivo eram apenas tentativas isoladas e pessoais de "ministros rebeldes" para desestabilizar a economia brasileira e a imagem internacional do País.

Um a um, foram sendo "aprovados" por este petit comité todos os tiros mortais desperdidos contra a empresa privada brasileira, contra as multinacionais aqui instaladas, contra os capitais estrangeiros em geral, contra as mais importantes instituições da nossa incipiente democracia (como o Poder Judiciário, por exemplo) etc., enquanto se multiplicavam os poderes do Estado (de que eles já se supõem os "donos"), se pisoteavam os direitos dos cidadãos (principalmente contra a voracidade fiscal e a truculência econômica do Estado) e se elevava às raias da obscenidade os privilégios concedidos aos apaniguados do Estado que deverão constituir a grande massa de manobra da organização para a batalha final. Nenhum preço era alto demais para comprá-la. Daí o fato do último gesto desta Comissão de Sistematização ter sido a aprovação do imenso "navio da felicidade" em que pretendem embarcar para sempre, à custa da Nação, todos os funcionários públicos, federais, estaduais e municipais com mais de cinco anos "de casa". Uma autêntica e monumental suruba com um único participante passivo: o Brasil!

Mas o golpe de mestre dos dois "comandantes", pelo qual, certamente, nem eles esperavam, foi o de, já nesta fase, aplicar o golpe decisivo no "inimigo" no front do Executivo. Usando o presente que o fraco presidente Sarney lhes deu, servindo-lhes sempre de escudo para os fracassos, e utilizando-se da alavanca do desespero da Nação com as consequências da aplicação das suas políticas econômicas desde Dilson Funaro, o "foco" da Comissão de Sistematização decretou a interdição do presidente Sarney ao mesmo tempo em que, extrapolando completamente as suas atribuições legais, atribuiu o poder Executivo a si mesmo, marcando para daqui a 120 dias a instalação do regime parlamentarista. Tomaram o cuidado, no entanto, de deixar viva a sua vítima e, segundo se informa em Brasília, já começam a pensar em usá-la novamente como um escudo providencial. O "truque" seria o seguinte: como são muitas e incontáveis as ambições presidenciais dentro da frente peemedebista, e como a Nação não parece disposta a engolir a tapeação deste parlamentarismo decretado, os comandantes concordariam em abrir mão dele. E já que, pela reação popular, confirmaram que sozinho Sarney não se levanta mais, eles se encarregariam de levá-lo de volta ao lugar de onde o derrubaram para que continue funcionando como o seu escudo até as eleições presidenciais do ano que vem, às quais eles poderiam, então, concorrer sem ter de carregar o ônus da responsabilidade direta e intransferível por todas as inevitáveis catástrofes provocadas pela aplicação da sua política econômica e dos seus atos de terrorismo econômico praticados tanto na frente interna quanto na frente externa, que agora começam a se desencadear incontrolavelmente.

É este o cenário sobre o qual se dará a grande manobra final, que começará pela batalha do plenário da Constituinte. Não pretendemos, evidentemente, afirmar que tudo isto se desenrolou a partir de um plano meticulosa e maquiavelicamente pré-concebido, e nem, muito menos, que todos os que desempenharam papéis importantes ou secundários na ópera bufa da "Nova" República estavam conscientemente envolvidos numa conspiração. A maioria provavelmente não estava e serviu como coadjuvante mais ou menos inocente em todos estes acontecimentos, deixando-se utilizar ou por irresponsabilidade ou por oportunismo ou por despreparo e ignorância ou ainda por outros motivos. Inocentemente, até: simplesmente deixando-se levar pela dinâmica dos fatos. Mas também com certeza, existe um núcleo de conspiradores — facilmente identificável e que usa as fachadas conhecidas como "grupo dos economistas do PMDB", "Fundação Pedroso Horta", "turma do poire" e outras — que certamente está agindo de modo coordenado e sistemático, perseguindo tenazmente um objetivo pré-concebido: o de sistematizar a fossilização da economia brasileira como passo essencial para impedir que a democracia se consolide no País e empalmar definitivamente o poder, à custa da albanização do Brasil.

A única falha em toda a manobra — e sempre há uma — é a que diz respeito ao timing da operação. É da exploração desta falha que pode nascer um contra-ataque eficiente. A manobra essencial para iniciar este contra-ataque está, neste momento, nas mãos do presidente Sarney. Se não tomar a única atitude digna que lhe resta que é a de renunciar, tirando, assim, das mãos de seus inimigos o escudo de que sempre se utilizaram e forçando-os a assumir, perante toda a opinião pública, a responsabilidade direta, visível e intransferível pelas consequências de todos os crimes econômicos e administrativos que cometeram, que agora começarão a se manifestar de modo agudo, lhes estará entregando numa bandeja a melhor garantia de sucesso final de sua grande operação. Estará também disparando definitivamente o gatilho da guilhotina debaixo da qual eles mantêm o seu pescoço e, o que para ele é mais grave (ou deveria ser), estará perdendo a sua última oportunidade de remissão perante a História do Brasil.

Mas, à parte este passo inicial essencial, outra grande contribuição deve ser dada pelo plenário da Constituinte que tem a sua imagem, o seu papel histórico e uma dívida perante os seus milhões de eleitores para ser resgatada. Dependendo do quanto for eficiente e decidido o seu contra-ataque; dependendo de quantas das armadilhas da Comissão de Sistematização porem capazes de desarmar, o grande exército da Nação que trabalha sairá ou não do seu atual estado de choque e da sua atual prostração para vir juntar forças com as lideranças que surgirem na batalha do plenário.

Mas se isto não acontecer, as esperanças da democracia e do desenvolvimento estarão definitivamente perdidas para esta geração de brasileiros...